

# OS ÁRABES

**NAZIH JARJOUR** AJUDOU, COM SUA ARTE, A CONSOLIDAR O NOSSO COMÉRCIO

MARIANA MAINENTI

DA EQUIPE DO CORREIO

A história da comunidade sírio-libanesa em Brasília comprova aquilo que a sabedoria popular diz: que pelas veias de um árabe corre o sangue de um comerciante. Pioneiros que aqui chegaram, vindos com suas famílias da Síria e do Líbano, apostaram que poderiam crescer com a cidade. E acertaram. Muitos enriqueceram.

“Cheguei a Brasília em 1959 e fui morar no Núcleo Bandeirante. Quando decidi vir para cá, havia seis anos que estava no Brasil, onde cheguei a bordo de um navio italiano. Foi um mês comendo macarronada, desde que partimos da Síria”, recorda Nazih Jarjour. Os negócios da família na capital federal começaram com um bar e restaurante e uma pequena moagem de café. Hoje, os Jarjour têm marcas de café reconhecidas, além de outras empresas, como uma locadora de automóveis.

Nazih conta que o momento mais difícil para a família foi um incêndio, em 1960. “A nossa casa pegou fogo no meio da noite e tivemos de ir dormir na caminhonete. No outro dia, começamos tudo do zero, a reconstruir o que perdemos. Mas pudemos contar com a ajuda dos amigos.”

Em 1966, ele encontrou uma companheira disposta a encarar a difícil rotina dos pioneiros em Brasília. “Eu era jovem e apaixonada”, diz Alice, que tem pai libanês e mãe síria. “Abandonei a minha carreira de professora em São Paulo e vim para Brasília enfrentar a vida de pioneirismo, que não foi fácil. Mas ver os meus filhos bem criados compensou toda a luta”, relata. Ao chegar ao Distrito Federal, ela foi morar em Taguatinga, quando lá não havia luz elétrica nem asfalto. E não se arrepende: “Hoje eu amo Brasília. Cresci junto com ela”.

Minervino Júnior/Especial para o CB



Alice recorda que a união da comunidade árabe em Brasília a ajudou muito a superar as dificuldades encontradas no início. “E meu marido é muito gregário”, observa. Isso fica evidente com a chegada de amigos na loja. Um deles é o empresário Brasil Helou, filho de imigrantes que se estabeleceram em Goiânia. Ele veio para Brasília em 1969. A novidade arquitetônica atraiu o jovem engenheiro, recém-formado em São Paulo. Aqui, realizou o so-

inho de construir uma obra de Oscar Niemeyer, o Panteão da Pátria e Liberdade Trancredo Neves. “Quando caminho na Praça dos Três Poderes, eu me sinto privilegiado.” Também tem especial orgulho de ser responsável pela construção da Igreja Ortodoxa São Jorge, no Lago Sul, onde congrega.

Já o libanês Mitri Moufarrege diz que veio para Brasília em 1957, convidado pelo próprio presidente Juscelino Kubitschek. Ele imigrou para o Rio

“A NOSSA CASA PEGOU FOGO NO MEIO DA NOITE ETIVEMOS DE IR DORMIR NA CAMINHONETE. NO OUTRO DIA, COMEÇAMOS TUDO DO ZERO, A RECONSTRUIR O QUE PERDEMOS. MAS PUDEMOS CONTAR COM A AJUDA DOS AMIGOS”

de Janeiro com apenas 18 anos, apostando no Brasil – “o país do futuro”. Logo tornou-se sócio do Clube Monte Líbano e, na inauguração da nova sede na Lagoa Rodrigo de Freitas, perguntou a Juscelino sobre Brasília. “Turquinho, você é contra ou a favor da capital?”, perguntou Juscelino a Moufarrege. “Presidente, esta é a obra do século”, respondeu. E a resposta lhe rendeu a mudança para Brasília.

Foi em um jantar com os trabalhadores de canteiros de obras que Moufarrege identificou a primeira oportunidade de comércio na cidade: “Eles passavam um guaraná de mão em mão. Tinha de dividir porque vinha de fora e o preço era absurdo. Então decidi montar uma fábrica de refrigerante na cidade.”